

espectaculo de beneficência

CONTO

por

JOÃO DE ARAUJO PESSOA

Da banda de terra a muralha pardacenta da cerração adensa-se a cada momento; confunde-se névoa e mar num mesmo crepúsculo indefinido e húmido, emareando o brilho radiante do Sol, que se apresenta agora como um disco, e parecendo abafar o próprio tumulto da ressaca, tornando-o mais cavo e mais arrasado.

Na praia os gritos dos homens excitando os bois a puxar o «arrasto» tomam tonalidades estranhas; os bois excitam-se, perdem a sua lentidão enojada e largam num quasi trote deselegante, pesadão, com um constante abanar da papeira enorme acusando a má qualidade do pasto.

Com a aproximação sempre crescente da rede o vai-vém das parelhas toma um ritmo quasi incrível. Agora os homens também estão excitados; parece que o nevoeiro ocultando-lhes o mar aumenta o frenesi de saber se terão de comer nos dias seguintes, ou se terão de apelar para uns quasi fósseis de sardinha encarquilhada, amarelecida pelos sóis de um verão inteiro.

A rede já começa a arrastar-se pela praia. Os homens e os miúdos precipitam-se para ela e mal vêem um rabo de peixe a tentar esgueirar-se, aflitivamente, pelas malhas da rede, não hesitam em classificar a principal carga e berram:

—E' petinga! Num último arranco os bois arrastam para a praia o «saco», o bojo da rede com a maior parte da pescaria. Cessou o movimento frenético. Saltam para cima da rede. Agora, mais calmos, conseguem vêr-se melhor.

Os mais miúdos, de barrigas enormes—barrigas de quem come mal—sustentadas em cima dumas pernitás finas e nervosas; inteiramente sêcos de carnes, rostosinhos de uma côr amarela mal iludida pelo efeito do sol e do ar.

Os mais taludos e os homens, a êsses o esforço contínuo e brutal deu-lhes troncos sólidos e membros robustos.

Calcam a sardinha com uma alegria feroz; rasgam o «saco» e a venda do peixe vai começar. A campanha vai re-

ceber a fêria. Teem percentagem na carga mas só ganham quando conseguem pescar. Compreende-se: a firma proprietária não pode perder...

Quando saem do escritório onde se faz o pagamento, começam a aparecer as mulheres. Possivelmente, procuram «salvar» da fêria o que puderem. Apesar de isso talvez mais de metade vá para vinho. Que hão-de êles fazer? Algures hão-de encontrar o que lhe dê fôrça, embora os arruine.

São pouco atraentes, as mulheres; há-as de cabelos como algas, algumas de olhos marinhos, comidos do sol, abertos à flôr da alma; outras de olhos fundos, pisados, lagoas pôdres de uma dor inconfessável.

A névoa aperta mais ainda. Já não se vê a orla da praia. Os homens e as mulheres encaminham-se para casa. Casas? Chamar casas àquillo? Os senhores imaginem uma espécie de aldeia lacustre em derrocada, sórdida, miserável, em que as construções parecem ir abaixo ao primeiro sopro de nortada fraca,—e terão uma ideia do que aquillo é. De fora, vêem-se os interiores pobríssimos, como através dum biombo chinês, tais são as fendas da madeira. Sente-se uma falta absoluta de tudo, das mais elementares exigências de vida humana. Escadas de madeira empodrecida, talvez aguentem o pêso de um homem e o levem ao pavimento único—a uns dois metros do solo. E' ali que vivem os homens e as mulheres sempre em luta com o mar com indomável energia, para poderem viver—os homens e as mulheres que se encaminham para os seus pobríssimos lares, através de ruelas de areia suja, onde, aqui e ali, se vêem, mortas, ratazanas de cabeça hedionda.

Na praia é quasi noite. Os gaiatos enrolam-se nas rédes já sêcas e espojam-se na areia.

—Eh, pá! Dormes aqui?

—Mais vale! Em casa não se pode com as pulgas.

... ..

Noite no Casino. Horas oficiais de folgança. Balle. Não há tempo a perder!

E' do protocolo novo—barulho, vertigem, tudo o que atordôe! Vivemos num mundo de epiléticos. Foi nisto que deram os filhos da gente romântica e aristocrática de há cincoenta anos. Velhos, novos, gente dos mais extravagantes moldes, abrem a atenção, o sentido para aqueles pares de flôres doidas, êbrias, como batidas por um furacão, oscilando, quasi desaparecendo no mar da música, que tem vagas mais altas do que o sempre jôvem oceano, que, lá em baixo, guarda o gênio, o sereno alvoroço de sempre.

Tôdas as músicas usam um cerimonial bárbaro, o rito de origem.

São convulsas, para corpos vibrantes.

A atenção, cansada das figuras férreas de há pouco, atenta na extravagante feira das «raças finas».

Mas esta dança, pensa a gente, foi, certamente, inventada por algum diabo êbrio, que se fez banqueiro americano!

Contudo, todos os que voltam são pessoas de princípios; quasi todos criaturas bem nascidas...

O Papa, os bispos e os párocos parece que não aprovam estas danças; de resto, êles não frequentam casinos. Além disso êstes penitentes de amanhã teem maliciosos e estranhos escaninhos onde, ordenadamente, guardam a Pou-

ca Vergonha, a Loucura e a Fé...

Cessou a música. As mesas repovoam-se. Todos riem. Nesta mais próxima, uma rapariga, esplêndida de frescura, agarra a sua saquinha, num repente:

—Ah! Já quasi me esquecia. A viscondessa pediu-me que vendesse alguns bilhetes para a «matinée» de amanhã... E' coisa de caridade, vocês sabem, a receita é para as famílias daqueles pescadores que se afogaram...

Volta-se para a mulher do advogado Z. E' uma gôrda, constelada de jóias. Aquelas jóias são lágrimas que já brilharam nos olhos de pobre viuva; transitaram pelo escritório do advogado e subiram para o colo da mulher deste, a gôrda.

—A sr.^a D. Maria?

—Oh! filha! Eu com muito gosto... O António que diga... O António é o marido. Ai está um homem respeitável. Um mundo de lava coberto de neve...

—Mas, certamente. Essas coisas de caridade são-me sempre extremamente simpáticas. Eu dou-lhe o dinheiro de dois bilhetes, mas não quero que mos dê em troca.

A gôrda inclinou-se para o advogado e cochichou:

—Oh, menino! Fizeste mal... Sempre eram para as criadas...

A rapariga fala de novo, desta vez para um rapazinho de cabelo odiosamente lustroso e dum «spleen» de fazer vômitos.

—Oh, Rulsinho, você quere?

—Se quero, filha.

—Deixe-se de parvoíces! Já tem idade para ter juízo... Pregunto se quere bilhetes para a «matinée» de caridade...

—O quê?! Ainda se fala nêsses pobres diabos? Quem os mandou ir no bote?

O Castelo Branco também não quis; já tinha visto o «filme» em Lisboa, além de que tinha nessa tarde uma partida de ténis.

Não se fala mais nisto. De novo a música, em gritos; o tumulto; a electricidade negra dos doentes em multidão; o ciclone dos loucos, redemolnhando almas, cabeças, rendas. Tudo poeira, tremulina, movimento...

“O Diabo”

Grande semanário de literatura e crítica.

Publica em todos os números: Ensaios, literatura de ficção, páginas de antologia, movimento de ideias, cultura científica, economia; crítica de livros, teatro, artes plásticas, cinema, rádio e desportos; Revista das revistas, revista de livros, «Coisas de _____» «O Diabo», etc.